



Crônica da Cidade

CONCEIÇÃO FREITAS // conceicaofreitas.df@diariosassociados.com.br (cartas: SIG, Quadra 2, Lote 340 / CEP 70.610-901)

O ENGENHEIRO SIDERADO

Mora em Niterói um engenheiro muito importante para Brasília. Augusto Guimarães Filho, 91 anos, desembarcou no Planalto Central em 1957 para transferir do papel-manteiga para o chão do cerrado a nova capital do Brasil. Foi o homem que Lucio Costa escolheu para representá-lo na execução do projeto do Plano Piloto.

Doutor Guimarães tem estado inteiramente empenhado num projeto "pessoal e inadiável", o esperado livro com

seu testemunho do que foi a construção da cidade. Pessoal porque ele está contando a história do surgimento de Brasília a partir de um lugar único, o do homem que desenvolveu o projeto de Lucio Costa. Que deu linhas e formas ao relatório descritivo do doutor Lucio.

E, desta vez, doutor Guimarães está firmemente disposto a concluir a obra. "Acordo às quatro da manhã para reescrever o que já tinha escrito. Às oito, jogo fora que escrevi", conta num dos intervalos entre o escrever e o reescrever. Será um livro, diz o arquiteto, que vai insistir no planejamento regional de que tratava o edital do concurso do Plano Piloto. Se tivesse sido feito, a área tombada não estaria sendo contínua e

insistentemente ameaçada.

O paulista Augusto Guimarães Filho foi quem colocou a estaca zero da cidade, o cruzamento do Eixo Monumental com o Eixão. E levantou a Esplanada e a Praça dos Três Poderes, tirou o chão do chão, deu a ele altura para que pudesse ter o efeito imponente e límpido que se vê da Rodoviária.

Doutor Guimarães teve de calcular o marco zero da cidade mais rapidamente do que previra, por força da insistência de Israel Pinheiro, o presidente da Novacap que acelerava o ritmo da construção para dar conta de cumprir o prazo prometido a Juscelino. Mas Guimarães havia aprendido na escola que plantar a estaca zero é sinônimo de

bom casamento. "E eu tinha que plantar a estaca zero e queria fazer, da melhor forma possível, um bom casamento com Brasília."

A relação de Augusto Guimarães Filho com Lucio Costa era muito mais que profissional. Quando do acidente de carro que matou a mulher do arquiteto, Leleta, em 1954, Guimarães correu para ajudar a família. E quando Lucio Costa sentiu que estava perto da morte, deixou dito que o engenheiro é quem deveria cuidar do sepultamento.

Quando Lucio Costa convidou Guimarães para assumir o desenvolvimento do projeto do Plano Piloto, o engenheiro ficou "siderado". É a palavra que ele usa para descrever o que sentiu quando re-

cebeu o convite. "Fiquei siderado vários dias até que um dia ele (Lucio Costa), entre irritado e magoado, me cobrou uma resposta: 'Eu lhe fiz uma proposta. Pensei que fosse boa'". Guimarães então disse que aceitava o convite.

Há sete anos, doutor Guimarães começou a escrever o livro e há dois promete concluí-lo dentro de 15 dias. "Meu compromisso é comigo mesmo", diz ele. E o compromisso é de terminar a obra.

Faz mais de 40 anos que o engenheiro não vem a Brasília. Deixou de vir quando os militares ocuparam a cidade. Com a volta da democracia, não veio mais por uma razão de outra ordem: "Brasília é a cidade que poderia ter sido e que não foi".